

PROPOSTA 1:

TEMA: COMPETITIVIDADE ESCOLAR X SAÚDE EMOCIONAL DO ESTUDANTE

TEXTO 1:



“Foram os piores anos da minha vida.” A frase ainda é dita com sofrimento pela estudante carioca Chanel de Andrade Rodrigues, de 18 anos. Ela está no 1º ano da faculdade de artes, mas não esquece o período em que estudou no Santo Agostinho, do Rio de Janeiro, um dos colégios mais tradicionais e bem-conceituados do país. Do 7º ano do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio, passou seus dias perdida entre aulas que não acompanhava, um enorme volume de conteúdos para memorizar, provas difíceis, notas baixas. Na escola, não gostava de sair para o recreio e não comia nada. Em casa, compensava a ansiedade comendo demais. Na escola anterior, menos rígida, onde tirava boas notas, costumava nadar e fazer aulas de dança. No Santo Agostinho, evitava as aulas de educação física. Chanel entrou em depressão e engordou 20 quilos.

TEXTO 2:

“Temos uma visão limitada do que é ter sucesso e do que é educação de boa qualidade. Somos conduzidos pelo medo de que nossas crianças não sejam capazes de competir globalmente. E nossa resposta para isso tem sido definir de forma limitada o que é ser um jovem de sucesso: ter boas notas e bom desempenho em rankings.”

Vicki Abeles*

* Mãe de duas adolescentes. Após o diagnóstico de depressão de uma das filhas, largou a carreira executiva para se dedicar ao documentário *Race to nowhere* (Corrida para lugar nenhum) que virou sensação nos EUA e gerou uma onda de discussões sobre os limites da competitividade escolar.

(Revista Época, Edição 689, 1/8/2011)

TEXTO 3:



PROPOSTA 2:

TEMA: MEDICINA E FÉ

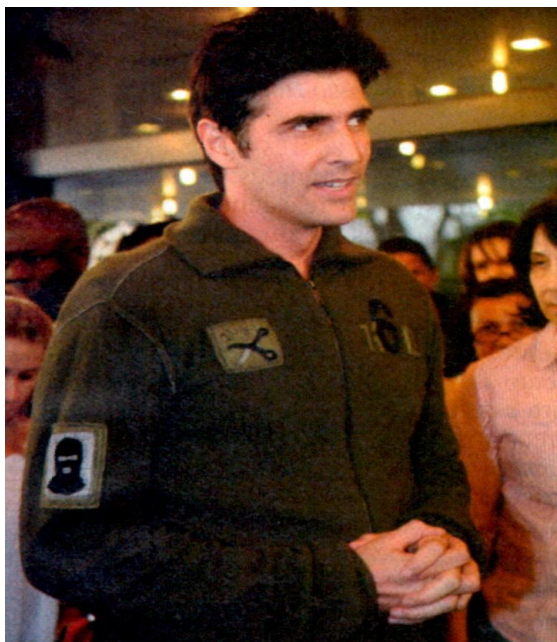
TEXTO 1:

NO ESPÍRITO DA CURA

“No Brasil, 80% dos pacientes oncológicos, em complemento aos tratamentos oferecidos pela medicina tradicional, recorrem a terapias não convencionais – com frequência ligadas a algum tipo de crença espiritual.

“Padres, rabinos, médiuns sempre entraram e saíram dos hospitais pela porta dos fundos. Só recentemente a medicina passou a reconhecer a existência de tais práticas.”

(Pínio Cutait – mestre de Reiki, coordenador do Departamento de Cuidados Integrativos do Hospital Sírio-Libanês)



Sábado, 20 de agosto. Vítima de um câncer no sistema linfático raro e agressivo, o ator Reynaldo Gianecchini, de 38 anos, estava internado havia quase um mês no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Sua mãe, Heloísa, e a irmã mais velha, Cláudia, faziam-lhe companhia no quarto 925. Às 4 e meia da tarde, o ator deitou-se na cama de lençóis recém-trocados. Ele vestia uma camiseta branca. De barriga para cima, os braços estendidos junto ao corpo, Gianecchini fechou os olhos. No criado-mudo, à direita do leito, um copo de água mineral coberto com um guardanapo de papel. Por quinze minutos, o silêncio foi absoluto. Simultaneamente, a 400 quilômetros da capital paulista, na cidade de Franca, no interior do estado, o médium João Berbel, de 56 anos, deu início a mais uma de suas cirurgias espirituais a distância. De jaleco azul-claro, estendeu-se sobre uma das trinta macas do galpão de 200 metros quadrados no Instituto de Medicina do Além. Cerca de 400 pessoas acompanhavam o ritual. Eram parentes e amigos de uma centena de doentes em todos os cantos do Brasil. Entre eles, estavam os tios paternos do ator, Fausto e Roberta. Às 4 e meia, todos fecharam os olhos e “mentalizaram” a cura dos entes

queridos. Não é preciso levar fotografia do enfermo ou revelar a graça alcançada – basta estar na mesma “sintonia fluídica”, como define o médium. “Formamos uma corrente mento-eletromagnética”, diz Berbel. No dia seguinte, ao procedimento espiritual, Gianecchini tomou a água mineral benzida pelo médium em três doses – antes do café da manhã, do almoço e do jantar.

(Revista Veja – Edição 2235 – 21/9/2011)